

TRAVESTIS NA PANDEMIA DE COVID-19: ESTRATÉGIAS NECROPOLÍTICAS

TRANSGENDERS IN THE COVID-19 PANDEMIC: NECROPOLITICAL STRATEGIES

Ronaldo Trindade | Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador associado ao Laboratório Matula – sociabilidades, diferenças e desigualdades.

Orcid: [0000-0003-4575-7050](https://orcid.org/0000-0003-4575-7050)

E-mail: ronaldotrindade@gmail.com

João Dantas dos Anjos Neto | Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

Doutor em Antropologia Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Professor da UFG, no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Pesquisador associado ao Laboratório Matula – sociabilidades, diferenças e desigualdades.

Orcid: [0000-0002-5353-3981](https://orcid.org/0000-0002-5353-3981)

E-mail: joaodantas@ufg.br

Resumo

Partindo de um relato biográfico de uma travesti ativista, morta pelo novo coronavírus, este artigo pretende abordar as complexas intersecções entre Estado, cisgeneridade e necropolíticas no contexto da recente pandemia de covid-19. Ao refletirmos a respeito de seu impacto sobre os setores marginalizados da sociedade, pudemos pôr ao plano central os conceitos de biopolítica, de Michel Foucault, e necropolítica de Achille Mbembe. Argumentamos que, apesar de haver afetado todo o mundo, o vírus não é “democrático”, como foi comum dizer, mas ao contrário atingiu gravemente aquelas vidas que, como coloca Judith Butler, não são passíveis de luto. É nosso interesse com este artigo discutir, a partir do caso de travestis brasileiras durante a pandemia, as ramificações que uma crise humanitária e sanitária como a covid-19 tem sobre aqueles setores sociais que nada valem àqueles que gerenciam a vida e a morte.

Palavras-chave: pandemia de covid-19, biopoder, necropolítica, travestis.

Abstract

Starting from a biographical account of a transgender activist, who succumbed to the novel coronavirus, this article aims to address the complex intersections between the State, cisgender norms, and necropolitics in the context of the recent covid-19 pandemic. As we reflect on its impact on marginalized sectors of society, we foreground the concepts of biopolitics by Michel Foucault and necropolitics by Achille Mbembe. We argue that despite its global reach, the virus is not "democratic," as commonly asserted, but instead disproportionately affects lives that, as Judith Butler posits, are not grievable. This article seeks to discuss, using the example of Brazilian transgender women during the pandemic, the ramifications of such a humanitarian and health crisis as covid-19 on those social sectors deemed disposable by those who manage life and death.

Keywords: covid-19 pandemic, biopower, necropolitics, transgenders.

Introdução

No dia 07 de janeiro de 2020, autoridades chinesas confirmaram a existência de um novo tipo de coronavírus. Em 11 de março de 2020, o novo vírus responsável por causar a doença covid-19 recebeu o nome de SARS-CoV-2. Nesse mesmo dia, a Organização Mundial da Saúde - OMS afirmou que a covid-19 havia se convertido em uma pandemia, reconhecendo publicamente que a ocorrência de surtos de covid-19 em diferentes países e regiões do mundo.

As populações dos mais diversos lugares do mundo passaram a viver sob um novo conjunto de condições. Isso, no entanto, não significa dizer que a pandemia foi um



equalizador e que instaurou uma condição única para todos. Ela não deve ou pode ser apartada das condições sociais e ecológicas pré-existentes, tais como as crises ambientais, extrema desigualdade econômica, racismo e as diversas formas de violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

Para muitos de nós, tal evento trouxe perdas drásticas. Por mais que a pandemia tenha sido enfrentada de forma mais efetiva por alguns do que outros, no geral, passamos a viver sob uma atmosfera de doença e de morte que se quer nos deu direito ao luto por nossas perdas. Porém, apesar de global, a pandemia de covid-19 conectou todas as pessoas do mundo como viventes com capacidade de matar e de morrer. Mas teria a pandemia afinal finalizado a tarefa da produção de um mundo comum, compartilhado por todos? Não nos parece ser o caso. Judith Butler (2023, p. 15) também discordaria:

Não estou certa de que esse seja um mundo comum que compartilhamos, porque, mesmo querendo residir em um mundo assim, não parece que efetivamente o façamos no momento. O comum ainda não foi alcançado. Talvez seja mais adequado dizer que há muitos e sobrepostos mundos, pois a maioria dos recursos não é igualmente partilhada.

Essa distribuição desigual de recursos e de precariedades é o que garante que a participação de certas pessoas nesse mundo comum seja reduzida ou mesmo anulada, situação que se intensificou com a emergência da pandemia:

Às vezes, dizemos que as pessoas ricas e capazes de se proteger vivem em um mundo diferente das demais. Trata-se de uma figura de linguagem, mas será que não comunica também uma realidade? Talvez, falando assim, não nos levem a sério, já que, no fim das contas, há apenas um mundo singular que engloba todas essas desigualdades. Mas e se, em termos descritivos, continuar sendo verdadeiro que alguns mundos não são bem parte desse mundo único, mundo comum, ou que existem zonas de vida persistindo fora do comum ou dos comuns? (BUTLER, 2023, p. 15)

No Brasil, como em outros lugares do mundo, a pandemia escancarou a gritante desigualdade e desfez qualquer esperança de uma partilha comum desse drama, uma vez que somos um país profundamente diverso e com uma distribuição absolutamente desigual das precariedades, como diria Judith Butler (2019).

Este artigo aborda as formas particulares pelas quais as travestis trabalhadoras do sexo foram atingidas pela pandemia da covid-19, a pergunta que se pretende responder é: quais os impactos da crise sanitária e econômica da pandemia para as vidas travestis e transexuais que vivem da prostituição? Também visa analisar alguns discursos e práticas produzidos sobre elas durante o período de duração da pandemia. Embora a maioria das contribuições deste dossiê se refiram a comunidades tradicionais e os impactos da pandemia em suas vidas, acreditamos estar diante das mesmas estratégias necropolíticas, termo cunhado por Achille Mbembe (2018), que não pretende governar ou regular a vida, mas definir algumas vidas como vidas visíveis e outras como matáveis.

A pesquisa aborda um campo já bastante conhecido pelos autores, que têm se dedicado a estudos etnográficos a respeito de questões queer e LGBTQIA+. Para este artigo, elaboramos um levantamento bibliográfico, consultas de periódicos impressos e virtuais bem como fizemos uso de uma entrevista realizada pelos autores com um ativista do movimento trans na cidade de São Paulo.

A instauração do cenário pandêmico

Segundo a OMS (2011), a saúde é um estado de absoluto bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. Já a doença é uma condição que afeta adversamente nossas condições físicas, sociais e mentais. Acometidos pela doença, ficamos impossibilitados de realizar plenamente nossas atividades diárias e passamos a depender de terceiros para nos ajudar durante o tratamento, que demanda tempo, dinheiro e conhecimentos diversos¹.

¹ As teorias que tratam da saúde e da doença discutem as ideias que as pessoas usam para explicar como manter uma condição saudável e por que adoecem. Ideias sobre a causalidade da doença podem acionar ideias relacionadas à quebra de tabu, pecado, germes, perturbação no equilíbrio corporal ou enfraquecimento do sistema imunológico. Susan Sontag definiu a doença como uma zona noturna da vida e diziam ainda que todos nós nos encontramos encerrados nessa dupla cidadania, “do reino dos sãos

Existem doenças não-transmissíveis e outras altamente transmissíveis, como a covid-19, cujo agente causador foi batizado pela OMS, em 30 de janeiro de 2020, como novo coronavírus, uma doença causada por um desses microrganismos, um vírus que afeta diretamente o sistema imunológico dentro do trato respiratório e pulmões². Quando o coronavírus entra no nariz e na boca através de gotículas e atinge a traqueia e as células dos pulmões, começa a replicar seu genoma, aumentar vigorosamente sua população e a destruir as células pulmonares. Os sintomas mais frequentes são febres altas, tosse seca, desconforto no trato respiratório e cordas vocais, sintomas similares aos da pneumonia. Devido à pneumonia grave, os pulmões, cheios de líquido, destroem-se e param de absorver oxigênio, causando a morte (HAUNG et al., 2020).

Depois do primeiro caso confirmado no final de 2019 em Wuhan, China, o vírus se disseminou para 207 países em todo o mundo, dando origem a aproximadamente 12,9 milhões de casos e 569.128 mortes só em seu primeiro ano (OMS, 2020).

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Essa decisão aprimora a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus³.

e do reino dos doentes”. Mas a ensaísta estadunidense se interessa menos em refletir sobre a doença física em si, do que sobre os usos metafóricos de doenças como a tuberculose e o câncer, doenças que causaram muita mortalidade em épocas nem tão distantes. Para ela, essas doenças não são metáforas, por isso a melhor forma de enfrentá-las é bloquear o pensamento metafórico que desconsidera os processos de cura e de resignificação do corpo.

² O vírus é um microrganismo que faz a ponte entre seres vivos e não-vivos porque mostra caráter vivo apenas quando entra no organismo vivo. Então, quando entra no corpo, pode afetar diretamente a saúde das pessoas e suas atividades de acordo com sua natureza.

³ Ver OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. Histórico da pandemia de covid-19. Disponível em: <https://www.paho.org>. Acesso em 12/04/2023.



De imediato, pesquisadores de vários lugares do mundo começaram a buscar e descobrir a causa e as consequências da doença, bem como suas medidas de profilaxia, mas foram os países desenvolvidos que dispunham de tecnologia científica sofisticada para desenvolver vacinas para controlar a doença⁴.

No entanto, parecia haver uma evidente competição no desenvolvimento de vacinas, visto as capacidades de retorno econômico que isso implicava. Os países periféricos que não tinham condições tecnológicas e econômicas para desenvolver vacinas, testagens etc. tornam-se ainda mais dependentes dos países centrais. Nas redes sociais, a infodemia e a desinformação ganham espaço, o aumento do acesso global a celulares com conexão à internet e o uso de mídias sociais resultaram em uma explosão de informações e em uma multiplicação das fontes de onde obtê-las. Isso gerou uma situação conhecida como infodemia, “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS; OMS, 2020, p. 2).

Em fevereiro de 2020, a pandemia de covid-19 chegou ao Brasil. O primeiro caso confirmado foi em São Paulo, mas o vírus se espalhou rapidamente pelo país, principalmente nos grandes centros urbanos. Em meados de março desse ano, começaram a ser adotadas as primeiras medidas profiláticas como a recomendação expressa do uso de máscaras e álcool, isolamento social, suspensão de aulas e o fechamento de comércios não essenciais. Em abril, a situação se agravou e vimo-nos em meio a uma crise sanitária sem precedentes⁵.

⁴ BBC NEWS Brasil. Coronavírus: por que alguns países são mais eficientes que outros na luta contra a covid-19. 18 jan. 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bmCQX>. Acesso em 24/05/2023.

⁵ FIOCRUZ. A pandemia de Covid-19 é uma crise sanitária e humanitária, dizem pesquisadores. 20 jun. 2020. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/secoes/noticia/45045/49462>. Acesso em: 24 maio 2023

A situação do Brasil se tornou especialmente crítica uma vez que o avanço no número de internações e mortes foi paralelo à polarização política acerca das medidas sanitárias demandadas para conter o avanço da pandemia⁶. O então presidente em exercício, Jair Bolsonaro, por exemplo, acumula discursos que negam a existência e gravidade da pandemia. “Só uma gripezinha”, uma de suas primeiras falas acerca da covid-19 quando já haviam sido notificadas onze mortes, tornou-se um bordão revelador de sua posição ideológica frente à essa enfermidade⁷. Progressivamente, o ex-presidente Bolsonaro e aliados foram intensificando suas críticas às medidas de isolamento social adotadas por governadores e prefeitos. Enquanto isso, o país se tornava um dos epicentros globais da pandemia, com um número crescente de casos e mortes⁸.

Nos meses seguintes, o país enfrentou várias fases da pandemia, com altos e baixos no número de casos e mortes. Em dezembro de 2020, as primeiras vacinas foram aprovadas para uso emergencial no país, mas a campanha de vacinação enfrentou obstáculos. Além do descaso do governo em adquirir as vacinas, havia a escassez de doses e a falta de uma coordenação nacional mais bem orquestrada (DOMINGUES, 2021), além do cenário de conflito publicamente conhecido entre governo federal e os governos estaduais e municipais. Some-se a isso as informações destoantes das recomendações médicas disseminadas por Bolsonaro e seus apoiadores de que: “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso” frase emitida pelo então presidente em dezembro de 2020, quando o número de mortos por covid-19 era de aproximadamente 184 mil ocorrências.

⁶ EL PAÍS. Polarização se revela como fator de risco na pandemia. 8 jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-08/polarizacao-se-revela-como-fator-de-risconapandemia.html>. Acesso em: 24/05/2023.

⁷ ESTADO DE MINAS. Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/noCEL>. Acesso em: 24/05/2023.

⁸ Casos de coronavírus no Brasil em 31 de março. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasilem-31-de-marco.ghtml>. Acesso em: 24/05/2023.

Em 2021, o país enfrentou novas ondas de infecções e o número de casos e mortes voltou a crescer. Em meio a tudo isso, houve conflitos entre as diferentes esferas de governo, divergências em relação a medidas de controle da pandemia e à eficácia de tratamentos sem comprovação científica, além de polêmicas envolvendo a compra de equipamentos e insumos médicos⁹. Com entraves e demoras por parte do governo federal, agravou-se ainda mais as condições da rede pública de saúde (que já não possuía estrutura para atender à súbita e massiva elevação da demanda da população). Faltaram cilindros de oxigênio nos hospitais públicos e abundaram cadáveres nos cemitérios. Entretanto, diante de um quadro que somava até então aproximadamente 270 mil mortes registradas, respondia o então presidente: “Chega de frescura e mimimi”¹⁰.

Quase todos os governos do mundo fecharam temporariamente instituições educacionais, como escolas e universidades, para coibir a disseminação da covid-19, medida que afetava diretamente o sistema educacional em escala global. Segundo a Unesco (2020) isso afetou mais de 1,6 bilhão de estudantes em 191 países do mundo. O fechamento das instituições educacionais afeta alunos, professores e suas famílias, mas também tem consequências econômicas e sociais de longo alcance tais como dívida estudantil, acesso diferenciado ao mundo digital, insegurança alimentar e falta de moradia. Isso sem falar na falta de acesso a creches, assistência médica, moradia, internet e serviços para deficientes, revelando-se o impacto mais crítico sobre as pessoas em condições precarizadas.

⁹ FGV. Evolução da escassez de insumos e matérias primas durante a pandemia. 21 jan. 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/evolucao-da-escassez-de-insumos-e-materiasprimasdurante-pandemia>. Acesso em: 24/05/2023.

¹⁰ G1. ‘Chega de frescura, de mimimi’: frase de Bolsonaro repercute na imprensa internacional. 5 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescurademimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>. Acesso em: 24/05/2023.

As mudanças na própria dinâmica doméstica também sofreram com as desigualdades de gênero, uma vez que diversas pesquisas já apontaram para a sobrecarga de trabalho para as mulheres e o aumento da violência doméstica. As atividades culturais, tão importantes para a manutenção das identidades das pessoas e de suas comunidades, também foram severamente afetadas durante a pandemia de covid-19.

A pandemia do covid-19 também teve um impacto severo nas atividades religiosas de diferentes religiões, como o cancelamento de cultos. A religião se internaliza e passa a ser vivida de forma isolada, pelo menos emergencialmente, uma vez que as pessoas ficaram mais isoladas em suas casas. Adeptos de várias religiões se reuniram para orar pelo fim da pandemia do coronavírus, pelos atingidos por ela, pedindo aos seus Deuses para dar aos médicos e cientistas a inteligência para combater a doença (ARUTZ, 2020).

Apesar de ter atingido a população como um todo, de modo algum foi “democrática” - como certo jargão proferiu à época. Com “democrática” a frase declarava que a covid-19 não fazia distinção de classe, cor ou gênero: todos são passíveis de morte. Descrito dessa forma, a pandemia parecia equalizar todas as diferenças que nos separam, uma vez que estávamos todos elegíveis à morte. Contrapondo essa ideia da instauração de um mundo comum, Judith Butler sugere que a pandemia sobrepôs os diversos mundos.

Apesar de os privilegiados também serem mortais, abundam escritos que apontam acentuadas assimetrias no mosaico das infecções e mortes. Conforme estas pesquisas, foram muito mais vulneráveis à pandemia de covid-19 as populações negras (GOES et al. 2020; EVANS, 2020; LURENCIN e WALKER, 2020; SILVA et al. 2020), pobres (SCHAPPO, 2021; LANJOW e TARP, 2021; RAUT et al., 2020), LGBTQ+ (SALERNO et al., 2020; GELPI e BARRERO, 2020; ROSA et al. 2020) e indígenas (GONÇALVES et al. 2020; COHEN e MATA-SÁNCHEZ, 2021). Em suma, são populações *undercommons*, ou seja, os excluídos do bem comum a que apenas os cidadãos “comuns” (*commons*) têm direito por conta de seus privilégios estruturais frequentemente tácitos. Para Jack Halberstam, *undercommon* se refere ao universo dos “subcomuns”, composto por pessoas pretas,

pelos povos indígenas, pelas populações queers e pelos pobres (HALBERSTAM, 2013). Unidos pela exclusão, os *undercommons* acabam por desenvolver um intenso sentimento de pertença que emerge pela partilha da falta.

No contexto da covid-19, os *undercommons* partilham a falta de acesso pleno aos serviços de saúde, pois a rede pública de saúde globalmente, além de não ter estado organizacionalmente preparada, sofreu superlotações e lentidão em relação ao abastecimento de material necessário para lidar com o contingente de demandas, bem como com a falta de segurança relativa à prevenção de contração da doença, visto que frequentemente não viviam ou podiam viver de forma segura e conforme as recomendações sanitárias. No Brasil, por exemplo, a proporção mínima considerada adequada era de 10 leitos de UTI para cada 100 mil habitantes.

Na Coreia do Sul, houve escassez de leitos hospitalares, resultando em mortes de pacientes que aguardavam admissão. Nos EUA, a pandemia de coronavírus sobrecarregou significativamente a capacidade hospitalar, destacando a necessidade não apenas de ventiladores, mas também de terapeutas respiratórios e equipe de cuidados intensivos treinada. Na Itália, medidas como aumento de leitos e distribuição de pacientes entre instituições de saúde visavam evitar o colapso de hospitais diante do aumento de casos (CAMPIOLO, KUBO, OCHIKUBO e BATISTA, 2020).

Fator emblemático é que um dos primeiros casos de óbito por covid-19 no Brasil tenha sido de uma empregada doméstica cujo nome não foi divulgado, em 17 de março de 2020, no Rio de Janeiro¹¹. Com 63 anos e problemas de saúde, a vítima era moradora do município de Miguel Pereira, distante 120 km da casa de seus patrões no Alto Leblon, na zona sul carioca. Um dia antes de sua morte a anônima empregada doméstica foi ao apartamento de sua patroa, que esperava os resultados de um teste

¹¹ BRASIL DE FATO. Trabalhadora doméstica é a primeira vítima do coronavírus no estado do Rio. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/19/trabalhadoradomestica-ea-primeira-vitima-do-coronavirus-no-estado-do-rio>. Acesso em: 24/05/2023.

de covid, pois acabara de voltar de uma viagem à Itália. Nesse mesmo dia, ainda no trabalho, a vítima começou a apresentar complicações respiratórias. A patroa apenas a colocou em um táxi e a mandou de volta para Miguel Pereira, onde foi internada em um hospital público.

Apesar da imediata entubação, os sintomas se agravaram e a anônima empregada doméstica faleceu no dia seguinte. Ficamos sabendo depois que sua patroa, mesmo infectada primeiro, contava com serviços de saúde de alto padrão e, por isso, continua viva¹².

Esse drama doméstico parece bastante revelador do que Giorgio Agamben (2010) chamou de *homo sacer*, uma figura jurídica da Roma antiga que designava alguém que foi excluído da proteção da lei, tornando-se assim sagrada e podendo ser morta por qualquer um sem que isso fosse considerado um crime. Uma vida nua.

Algo da “vida nua” de que fala Agamben, ecoa na concepção de vida precária elaborada por Judith Butler, em “Vida precária: os poderes do luto e da violência” (2004) e em “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto” (2009). Butler parte do abismo que há entre uma definição universal da vida, que deveria incluir a todos numa comunidade unívoca, e a fabricação das vidas não passíveis de luto. São sobre estas que recai a necropolítica, conceito elaborado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), para nomear uma forma de exercício do poder que se baseia na utilização da violência e da morte como instrumentos políticos. Vida e morte deixam de ser entendidas como fenômenos naturais e passam a ser governadas por critérios políticos, e certas vidas passam a ser consideradas matáveis e outras não matáveis.

¹² UOL NOTÍCIAS. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimasnoticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-eradomestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em 23/05/2023.

A necropolítica, é crucial ressaltar, pode ser mobilizada de maneira direta, como em massacres e genocídios, ou indireta (como em políticas públicas que negligenciam a saúde, a educação e o bem-estar das populações mais vulneráveis). Faz-se nítido, portanto, que a necropolítica em vigor durante o período da pandemia se encaixa no segundo caso.

Embora as estratégias necropolíticas recaiam sobre todos os *undercommons*, a interseccionalidade como esse “atalho que se fundamentou nas sensibilidades existentes para poder enxergar as interconexões” (COLLINS, 2022, p. 45) dos diversos marcadores sociais da diferença nos permite enxergá-los como discriminação para além do gênero, como o de classe e raça. Nesse sentido, quando as intersecções atravessam um mesmo agente, podemos notar essas profundidades e como os eixos de discriminações, como o racismo, sexismo, transfobia, homofobia etc. privilegiam a vivência de algumas populações em detrimento de outras.

Em situações de desastres, sejam eles sociais, econômicos, sanitários ou outros, os homens pobres são geralmente considerados os mais vulneráveis, com os homens negros e pobres enfrentando uma vulnerabilidade ainda maior. Mulheres negras, indígenas e pobres, por sua vez, estão na base da pirâmide social, enfrentando uma intersecção de opressão que vai além da raça e inclui classe e gênero. Como Audre Lorde (1982) afirmou, “não existem hierarquias de opressão”, o que significa que mesmo dentro das populações pobres e/ou negras, as travestis negras periféricas podem ser alvo de hostilidade. Nossa pesquisa de campo sobre os circuitos da prostituição travesti em Aracaju – SE, França, Espanha e Portugal, mesmo em contextos não pandêmicos, destacou a pressão assimétrica enfrentada por elas, mesmo dentro das camadas sociais mais vulneráveis (ANJOS NETO, 2019). Como Lorde (1982) apontou, elas habitam a “própria casa da diferença”.

Da biopolítica à necropolítica

Foucault (1980; 1999; 2008) já chamou nossa atenção para os processos pelos quais o homem se converteu em objeto de investigação e controle científico e para a centralidade do desenvolvimento da medicina positivista moderna nesse processo. Em “O nascimento da clínica” (1980), Foucault salientou como os padrões médicos de normalidade se difundiram nas ciências humanas, produzindo subjetividade ao mesmo tempo em que fornecia as bases para o controle social. Ou seja, a disciplina forneceu as ferramentas pelas quais a subjetividade podia ser experimentada e imposta. Tratava-se da biopolítica.

O termo biopolítica de Michel Foucault passou a circular nos meios intelectuais euro-americanos no final da década de 1980, principalmente nos debates feministas, queers e pós-coloniais, para onde se direcionaram os interessados em escapar às grandes narrativas, hegemônicas nas ciências sociais como o estruturalismo, o marxismo ou a psicanálise. Foucault em lugar de uma analítica do poder com o conceito de biopoder, propôs uma nova forma de compreender as relações de poder na sociedade. Ele destacou que o poder não deve ser visto como algo detido por uma classe dominante que o conquistou, excluindo a participação dos dominados. Em vez disso, as relações de poder envolvem um enfrentamento contínuo, sendo exercidas por meio de estratégias e não sendo atribuíveis a uma simples apropriação, mas sim a manobras táticas e técnicas empregadas no exercício desse poder.

O biopoder foucaultiano articula uma dimensão individualizante, ao destacar a forma como o poder se exerce sobre os corpos e as populações. Foucault (1976; 1999) descreve o biopoder como uma forma de poder que visa regular não apenas os indivíduos, mas também as populações em termos de saúde, reprodução, trabalho e outros aspectos da vida coletiva. Por isso o biopoder e governamentalidade são ideias absolutamente próximas e intercambiáveis. Os regimes de verdade são mecanismos

pelos quais o biopoder se manifesta e estão, por exemplo, nas ciências médicas, especializadas na compreensão da vida e do corpo, que determinam as condições e os limites dessa vida.

Foucault destaca a importância do biopoder na regulação tanto da vida individual quanto da vida coletiva, ressaltando como essas práticas de poder penetram nos corpos e nas comunidades, influenciando identidades, comportamentos e interações sociais. Essa perspectiva que foca no indivíduo dentro do biopoder destaca a conexão entre poder, subjetividade e governamentalidade, mostrando como as práticas de poder moldam e gerenciam tanto as identidades individuais quanto as coletivas na sociedade contemporânea (MAIA, 1995). Embora Foucault não tenha se detido exclusivamente nas identidades, suas análises sobre poder, controle social e práticas discursivas oferecem *insights* importantes sobre a formação e a transformação das identidades em contextos de poder e resistência. A disputa, portanto, é em torno desses lugares de enunciação dos quais os grupos minoritários se viram sistematicamente excluídos. Mas governar a vida implica também definir que vidas importam (BUTLER, 2022). As vidas nuas que não importam para o Estado:

Se, em todo Estado moderno, existe uma linha que assinala o ponto em que a decisão sobre a vida torna-se decisão sobre a morte, e a biopolítica pode deste modo converter-se em tanatopolítica, tal linha não mais se apresenta hoje como um confim fixo a dividir duas zonas claramente distintas; ela é, ao contrário, uma linha em movimento que se desloca para zonas sempre mais amplas da vida social, nas quais o soberano entra em simbiose cada vez mais íntima não só com o jurista, mas também com o médico, com o cientista, com o perito, com o sacerdote (AGAMBEN, 2007, p. 128).

Conforme citado, mesmo nos Estados modernos, as decisões sobre vida podem ser alteradas em decisões de morte, e a linha entre biopolítica e tanatopolítica¹³ não é mais uma fronteira clara na sociedade contemporânea. Essas estão em constante

¹³ Giorgio Agamben interpreta que a tanatopolítica e a biopolítica se confundem, sendo dois dispositivos históricos que agora se relacionam. O esforço para promover a vida humana e garantir a sobrevivência da espécie acaba por produzir a morte, embora não a cause diretamente nem a deixe ocorrer naturalmente.

movimento dentro da vida social, onde o poder soberano está ganhando cada vez mais espaço.

Os corpos abjetos, cujas vidas são repetidamente consideradas impossíveis e que não são dignos de luto, estão sujeitos à arbitrariedade do poder soberano, que pode decidir sobre sua vida e morte sem restrições legais ou éticas. Neste contexto, a ideia de "vida nua" representa a extrema vulnerabilidade das pessoas diante do poder político, que pode manipular e controlar suas vidas sem considerar sua dignidade ou seus direitos fundamentais.

Lembremos que, mesmo diante dos momentos mais críticos da pandemia de covid-19, da inicial escassez de leitos em hospitais e ambulatórios, já se discutia, inclusive nas redes sociais, quais vidas eram passíveis de luto. Como o estudo de Moresco (2023) que analisa as histórias e rostos de mulheres que tiveram o luto interdito, abordadas através do relicário virtual materializado no perfil do Instagram @reliquia.rum. A análise realizada a partir das condições enlutáveis de Judith Butler, rompe com a realidade das notícias de mortes que as reduzem a números, permitindo o reconhecimento e a inteligibilidade da vida de cada mulher. Isso possibilita o enlutamento coletivo e pressupõe a importância de cada vida perdida durante a pandemia.

Foi por meio de um árduo trabalho político que grupos subalternizados como povos indígenas, quilombolas, pessoas em situação de rua e habitantes das periferias urbanas foram percebidos com demandas específicas e diferentemente atingidos pelas medidas sanitárias, causando comoção social e acelerando a elaboração de formas de assistência dessas populações. Em sociedades marcadas pela colonialidade e pelo racismo, como no caso das práticas da prefeitura da cidade de São Paulo, observa-se a mecânica institucional disciplinar da biopolítica em conjunto com o extermínio da necropolítica. Essas práticas visam normalizar e higienizar corpos que não se encaixam nas regulamentações sociais estabelecidas (MANTOVANI, SILVA e BERNARDES, 2021).

Mbembe entende que o racismo é o principal elemento da necropolítica. Em suas palavras:

[...] o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2018, p. 18).

É necessário se fazer a pergunta que Judith Butler faz em suas obras: Que corpos importam? Que corpos podem existir? Que vidas podem, portanto, ser choradas? O caso das travestis durante a pandemia de covid-19 só explicita o fato de que alguns grupos sequer eram elegíveis à comoção social.

As travestis na pandemia

Amanda Manfre foi uma ativista travesti que sempre militou em prol do alargamento das nossas estreitas noções de Direitos Humanos de modo que fossem abarcados por eles toda a população LGBTQIAPN+, mas, principalmente, aquelas que se encontram em grave situação de vulnerabilidade, as travestis trabalhadoras do sexo. Infelizmente, Amanda teve sua vida ceifada pela covid-19, que foi acometida quando de seu trabalho assistencial para levar alimentos para as travestis que, com o isolamento social, tornaram-se ainda mais precarizadas. Essa é uma maneira possível de estabelecer relações entre indivíduo e sociedade, onde alguns não são tomados como parte, logo, não são chamados a compor o todo e o todo assim se constitui por meio da exclusão de certas partes.

Amanda foi uma mulher travesti que dedicou os últimos anos de sua breve vida ao ativismo LGBTQIAPN+ na periferia de São Paulo capital. Apesar de tê-la conhecido em um evento em que falamos para uma população de jovens e adolescentes, alunos do Instituto Federal de São Paulo, polo da Cidade Tiradentes, na região metropolitana, e de

acompanhar seu incansável ativismo pelas redes sociais, recorri a um amigo seu, o também ativista, homem trans gay Luiz Fernando Uchôa para nos dar informações mais detalhadas sobre Amanda:

A Amanda atuava na região central e no município de Guarulhos. Ela fazia entrega de cestas básicas para mulheres trans e travestis em situação de vulnerabilidade. Ou que também moravam em casas de cafetinagem. Ela também foi trabalhadora sexual por muito tempo. Percebendo a vulnerabilidade dessas pessoas ela decidiu intervir e ajudar. Aí ela contraiu covid durante esse trabalho em que ela fazia entrega de cestas básicas. Ela não parou na pandemia. Ela não fez isolamento social porque ela tava vendo o desespero dessas pessoas com fome, e ela sem saber como ajudar. E ela estava fazendo um processo muito independente de captação e distribuição das cestas. Como ela era uma pessoa em situação de obesidade, ela era obesa, além de já ter algumas complicações de saúde. Aí quando ela contraiu covid, o processo de adoecimento dela foi muito rápido, ela ainda foi internada, mas veio a falecer em decorrência da pneumonia causada pelo coronavírus¹⁴.

Luiz Fernando atuou com Amanda em muitas campanhas humanitárias coordenadas por organizações LGBTQIAPN+ visando prestar assistência aos setores mais marginalizados deste grupo como as pessoas trans e travestis, sendo, portanto, alguém com bastante conhecimento de causa:

Durante a pandemia, as pessoas trans e travestis foram totalmente vulnerabilizadas, uma vez que essas pessoas, em condições normais, já não tinham acesso ao mercado formal de trabalho, portanto, não possuíam nenhuma reserva financeira. Ai com tudo fechado, a questão da alimentação, a questão da saúde, muitos vínculos foram desfeitos. Muitas pessoas trans que tinha a possibilidade antes de viver uma vida Cis com suas famílias, fizeram isso. Outras caíram na adicção e no vício e foram viver nas ruas. Outra passaram a depender totalmente de ações sociais. Uma porcentagem bem menor de pessoas trans, que tinham um pouco mais de condições, acabam se engajando em ações sociais para ajudar as pessoas trans, como é o meu caso, que cheguei a contribuir financeiramente com muitas ações na pandemia, a família Stronger, o núcleo de homens trans de que faço parte, chegou a distribuir cestas básicas e insumos. A gente tinha um cadastro que priorizava as pessoas LGBTQIA+, mas em específico a letra T¹⁵.

¹⁴ 4 Entrevista com o ativista LGBTQIA+ Luiz Fernando Uchôa, realizada em 06/02/2023, em São Paulo.

¹⁵ 4 Entrevista com o ativista LGBTQIA+ Luiz Fernando Uchôa, realizada em 06/02/2023, em São Paulo.

Alguns pontos interessantes devem ser destacados dessa interlocução. O primeiro é que ele pontua a situação de extrema vulnerabilidade das pessoas trans e travestis frente as demais letras da sigla LGBTQIAPN+, uma vez que estão alijadas do mercado de trabalho formal e que na grande maioria das vezes, é somente da prostituição que conseguem tirar seu sustento. Nas pistas, como já lembrou Larissa Pelúcio, a Aids e as ISTs parecem até riscos menores frente à violência policial e todos os perigos inerentes a esse ofício (Pelúcio, 2009).

O segundo ponto é que frente aos processos de subalternização e precarização, os elementos da sociedade civil ligados a comunidade LGBTQIAPN+ se articulam para prover alguma possibilidade de vida para as populações marginalizadas, não alcançadas pelo Estado e, portanto, fora da sociedade. Finalmente, para Luiz Fernando, as travestis, principalmente as trabalhadoras do sexo, foram atingidas de forma particular pela covid-19, tornando suas vidas ainda precárias num sentido que Judith Butler definiria como uma distribuição desigual da precariedade.

De acordo com o dossiê anual publicado pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) as mulheres trans e travestis compunham um quadro de extrema vulnerabilidade social em 2019. 90% das mulheres travestis e transexuais atuava na prostituição e apenas 4% em empregos formais. Dentre estas, 72% não haviam concluído o ensino médio e 56% não possuía sequer o ensino fundamental. Apenas 0,02% chegaram ao ensino superior e frequentava alguma universidade. O dossiê informa ainda que o Brasil segue liderando o ranking mundial de países que mais matam travestis e transexuais e que 80% dos casos dos homicídios se deram em virtude de extrema violência, quanto a requintes de crueldade¹⁶.

¹⁶ SALABERT, Duda. “Os impactos da pandemia na população trans”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-napopula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 23/04/2023.

Em março de 2020, com a emergência da pandemia de covid-19 no mundo ocorreu um aprofundamento da crise econômica no país que atingiu de maneira desigual os diferentes segmentos da sociedade brasileira. A pergunta que importa agora é: Quais os impactos da crise sanitária e econômica da pandemia para as vidas travestis e transexuais que vivem da prostituição? Segundo a atual senadora travesti pelo estado de Minas Gerais, Duda Salabert:

Ter medo do espaço público, ficar presa em casa, viver em distanciamento social, ter receio de conversar com pessoas, usar álcool gel são práticas cotidianamente utilizadas por nós, travestis, cuja realidade é caracterizada pela total exclusão social. Sempre foi raro encontrar travestis transitando no espaço público pela manhã, pois sabemos os riscos de morrer ao sair de casa [...]. Durante a pandemia, esperava-se que o número de assassinatos de transexuais iria diminuir pelo fato de o isolamento social ter formatado a realidade de diversos estados e municípios. No entanto, o que se verificou foi justamente o contrário¹⁷.

A senadora nos apresenta o contexto de exclusão que desde sempre fez parte da rotina desses grupos, salientando que a pandemia fez com que experimentássemos o que essas pessoas vivenciam cotidianamente. Salabert nos traz ainda informações disponibilizadas pelo dossiê divulgado pela Antra, tivemos, referentes ao período que vai de 2008 a 2019, quando, em média, 122 pessoas trans foram assassinadas por ano no Brasil. Em 2020, ano de início da pandemia, esse número subiu em 43% acima da média. Esse avanço da necropolítica sobre as mulheres trans e travestis acompanhou outras estatísticas, como o de suicídios e de violência doméstica¹⁸.

Presenciamos também discursos proferidos pelo então ex-presidente Jair Bolsonaro que endossava toda a infodemia e desinformação a respeito do vírus circulante, “não existe caso confirmado”, “fantasia”, “histeria”, “gripezinha”, “Depois da facada, não vai ser

¹⁷ SALABERT, Duda. “Os impactos da pandemia na população trans”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-napopula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 23/04/2023.

¹⁸ SALABERT, Duda. “Os impactos da pandemia na população trans”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-napopula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 23/04/2023.

uma gripezinha que vai me derrubar”. Bolsonaro chegou a imitar pacientes com faltar de ar nos momentos mais dramáticos de pandemia para criticar as medidas protetivas do seu ex-ministro da saúde, Luís Henrique Mandetta. O cerne desses conflitos girou em torno do uso da hidroxicloroquina como tratamento, algo que o ministro demitido discordava. Bolsonaro apoiou o uso generalizado da cloroquina, apesar de estudos científicos indicarem que este medicamento causa mais mortes do que recuperações (HUR, SABUCEDO e ALZATE, 2021).

Sendo assim, a pandemia tem impactado a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras do sexo, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência. Vale ressaltar que por motivos diversos, a maioria delas não conseguiu acesso às políticas emergenciais do Estado. (Boletim nº 2/2020 - Antra, p. 3). Salabert matiza as formas do descaso do Estado em relação às pessoas trans e travestis:

O descaso do Estado brasileiro em relação à população trans é tão grande que o Ministério da Saúde não tem dados sobre quantas travestis e transexuais morreram ou foram contaminadas pela covid-19. As fichas de registros da doença nos hospitais possuem dezenas de campos a serem preenchidos, porém nenhum deles informa o gênero do paciente ¹⁹.

Judith Butler (2002) já chamou a atenção para os atos performativos por meio do qual alguns corpos se constituem como legítimos e outros são convertidos em abjetos. Trata-se de um projeto em curso na sociedade brasileira que busca apagar determinadas experiências por meio do silenciamento e da violência aos corpos, sexualidades e identidades dissidentes. Sobre isso, Salabert afirma que:

Neste país de descasos, de apagamentos e de preconceitos odiosos, sabemos que a pandemia está longe de se encerrar e que os seus impactos repercutirão, sobretudo entre os mais pobres, na próxima década. Iniciei este texto com uma pergunta e termino com outra: se antes da pandemia a

¹⁹ SALABERT, Duda. “Os impactos da pandemia na população trans”. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-napopula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 23/04/2023.

expectativa de vida de uma travesti no Brasil não superava 35 anos, qual será essa expectativa de vida na crise econômica profunda do pós-pandemia?²⁰

Amanda Manfre morreu, acometida pela covid-19. Como grande parte das mortes ocorridas nesse período, não houve muito tempo entre a contaminação, a manifestação dos sintomas, a internação e o óbito, como aconteceu com milhares de brasileiros. Assim, ao contrário da ideia ingênua de que a pandemia atingia a todos e com isso um mundo comum finalmente podia ser imaginado, o que aconteceu foi que os diversos mundos se sobrepuseram, mas foram tratados por meio de estratégias necropolíticas.

A morte de Amanda certamente foi chorada, não por aqueles que a viam como o *homo sacer*, como vida nua, mas por aqueles e aquelas que como ela engajam-se numa luta desigual contra as estruturas legadas pela cis-hetero-normatividade e sob a qual suas vidas pouco ou nada valem.

Considerações finais

Foi a suspeita de que algumas minorias sexuais e de gênero experimentaram problemas econômicos e de saúde mental desproporcionais relacionados com a covid-19 quando comparadas com a população em geral que nos levou a investigar sobre a situação das travestis nesse contexto. Para tanto, foi necessário recorrer à uma bibliografia diversa que articula um progressivo conhecimento sobre a doença, seus efeitos orgânicos e sociais e distintas formas de acesso à prevenção e tratamento. Em termos teóricos, nossas escolhas foram por autores que implicam vida, morte, sexualidade e poder tais como Michel Foucault, Judith Butler e Achille Mbembe.

²⁰ SALABERT, Duda. “Os impactos da pandemia na população trans”. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-napopula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 23/04/2023.

Concluimos com uma breve discussão sobre os efeitos da covid-19 entre as travestis de São Paulo através da vida e morte de uma ativista travesti, acometida pela doença enquanto atuava na distribuição de cestas básicas para as travestis, ainda mais precarizadas frente à necessidade de isolamento social. Parece evidente, portanto, que as questões de gênero e sexualidade são marcadores importantes se quisermos entender os efeitos sociais da pandemia de forma mais complexa e mais inclusiva.

Referências

- AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ANJOS NETO, J. **Não se nasce travesti**: a construção dos corpos no cotidiano da prostituição. 2018. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Que mundo é este?** Fenomenologia pandêmica. São Paulo. Autêntica, 2023.



- BERNARDES, A. G.; DA SILVA, V. O.; MANTOVANI, G. L. O. Vidas não Passíveis de Luto. **Revista Polis e Psique**, Número especial: Corpos, Cidades, Hospitalidades, 2021, p. 92-111.
- COHEN, J.; MATA-SÁNCHEZ, N. “Challenges, Inequalities and COVID-19: Examples from Indigenous Oaxaca, Mexico”. **Global Public Health**, v. 16 n. 4, abr de 2021, p. 639–49. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1868548>.
- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: A interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DOMINGUES, C. Desafios para a realização da campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 37 n.1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00344620>.
- EVANS, Michele K. Covid’s Color Line — Infectious Disease, Inequity, and Racial Justice. **New England Journal of Medicine**, v. 383 n. 5, jul de 2020, p. 408–10. DOI: <https://doi.org/10.1056/NEJMp2019445>
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- FOUCAULT, M. (1976). **La politique de la santé au XVIII siècle**. In *Les Machines à guérir. Aux origines de l'hôpital moderne; dossiers et documents* Paris: Institut de l'environnement. 1976, p. 11-21.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. I - A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

- GELPI, G.; BARREIRO, N. Violencia homo-lesbo-transfóbica a nivel familiar y Covid-19 en Uruguay: cuando quienes deben proteger vulneran. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24215/18524907e047>.
- GOES, E et al. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18 n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00278>.
- GONÇALVES, L. et al. Covid-19 na Terra Indígena Yanomami. **Mundo amazônico**, v. 11 n. 2, p. 211 – 222, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v11n2.88432>.
- HALBERSTAM, J. Jack. The Wild Beyond: With and for the Undercommons.” In: **The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study**, by HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred, 5 – 12. Brooklyn: Autonomedia, 2013.
- HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 21, n. 51, ago. 2021, p. 550-569. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07/05/2024.
- INGOLD, T. Sobre não conhecer e prestar atenção: Como caminhar em um mundo possível. **Esferas**, n. 26, v. 1, jan-abr de 2023.
- LANJOUW, P.; TARP, F. Poverty, Vulnerability and Covid-19: Introduction and Overview. **Review of Development Economics**, v. 25 n. 4, nov de 2021, p. 1797–1802. DOI: <https://doi.org/10.1111/rode.12844>.
- LAURENCIN, T.; WALKER, J. A Pandemic on a Pandemic: Racism and COVID-19 in Blacks. **Cell Systems**, v. 11 n. 1, jul de 2020, p. 9–10. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cels.2020.07.002>.

LIMA KUBO, H. K.; CAMPIOLO, E. L.; OCHIKUBO, G. T.; BATISTA, G. Impacto da pandemia do covid-19 no serviço de saúde: uma revisão de literatura. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, [s. l.], v. 3, 2020. DOI: 10.31005/iajmh.v3i0.140. Disponível em: <https://iajmh.emnuvens.com.br/iajmh/article/view/140>. Acesso em 7/05/2024.

MBEMBE, A. **Políticas de inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo, n-1 edições, 2018.

MORESCO, M. C. Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente. **Revista Ecológica e Sociedade**, v. 26, n. 1, 2023, p. 410-418. DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.27731.

MORESCO, M. C. Quais Vidas são choráveis? O Perfil @reliquia.Rum a Partir Das condições enlutáveis De J. Butler. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 1, jun de 2023, p. 397-20, DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.27731.

MANTOVANI, Giovanna Liz Oliveira; SILVA, Vanilson Oliveira da; BERNARDES, Anita Guazzelli. Corpos e existências: vidas não passíveis de luto. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 11, n. especial, 2021, p. 92-111. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238152X2021000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07/05/2024.

MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Revista Tempo Social**. n. 7. out 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0083.pdf>. Acesso em 07/05/2024.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde; OMS - Organização Mundial da Saúde **Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris**. Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19

[Internet]. Brasília: OPAS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em 07/05/2024.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo** – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São. Paulo: Annablume, 2009.

RAUT, et al. The Poor and the Pandemic: COVID-19. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7860/JCDR/2020/45425.14248>.

ROSA, W. et al. LGBTQ+ Inclusive Palliative Care in the Context of COVID-19: Pragmatic Recommendations for Clinicians. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 60, n. 2, ago de 2020, p. 44–47. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.155>.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SALERMO, J. et al. LGBTQ populations: Psychologically vulnerable communities in the COVID-19 pandemic. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, v. 12, n. 1, 2020, S239–S242. DOI: <https://doi.org/10.1037/tra0000837>.

SCHAPPO, S. Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da covid-19. **Ser Social**, v. 23, n. 48, jan de 2021, p. 28–52. DOI: <https://doi.org/10.26512/sersocial.v23i48.32423>.

SILVA, L. et al. COVID-19 e população negra: desigualdades acirradas no contexto da pandemia. **Revista Thema**, v. 18, out de 2020, p. 301–18. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema>.

